

O MUSEU DO DOCE DA UFPel E O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SUAS EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS COMO MEIO DE INTEGRAÇÃO DA COMUNIDADE PELOTENSE.

ALINE MOTA¹; KEVIN MIRANDA²; SHANA PACHECO³; NORIS LEAL⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – aline.jmotta@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – veloso.k@icloud.com

³Universidade Federal de Pelotas – shanapacheco@outlook.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – norismara@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da chamada Nova Museologia, os museus têm se voltado cada vez mais para a problematização de questões sociais, entendendo sua importância dentro da sociedade como um espaço educativo e com potencial de integração. Tendo em vista esta realidade, os museus fazem uso de diversas ações educativas dentro de suas comunidades, de modo a instigar o sentimento de pertencimento por meio da preservação e problematização do patrimônio, memória e identidade destas comunidades, promovendo a troca de conhecimentos.

Partindo do princípio de que a expografia é um dos principais recursos de interação museu/comunidade, o Museu do Doce da UFPel situado no casarão de número 8, no centro histórico de Pelotas, tombado pelo IPHAN, deu início a montagem de suas exposições temporárias que foram inauguradas durante a Semana dos Museus, no mês de maio/2015, e que ficarão expostas ao público até o final de dezembro de 2015.

“A mostra deve adotar os princípios de uma museografia que busque a interlocução entre o visitante e a coleção, conseguindo se comunicar de forma objetiva com os diversos públicos, membros das diversas classes sociais, independentemente do grau de instrução ou faixa etária”. (BINA, 2010, p. 78)

Assim, as exposições realizadas no Museu do Doce têm por objetivo divulgar o saber/fazer doceiro, por meio dos eixos temáticos O Doce e a Oferenda, O Doce e a Festa e O Doce e a Cidade fazendo referência à diferentes nuances dentro do tema: os doces pelotenses, considerados patrimônio imaterial de Pelotas, problematizando as questões relativas à cada eixo e preservando a memória e identidade pelotense atrelada aos doces em toda a sua doçura e diversidade através do tempo.

2. METODOLOGIA

Composta por uma equipe interdisciplinar de discentes, docentes, servidores e voluntários, de áreas como a museologia, conservação e restauro, artes visuais, cinema e história, a equipe do Museu do Doce deu início em dezembro de 2014 às atividades introdutórias referentes ao desenvolvimento de um conjunto de exposições temporárias. As exposições tiveram como inspiração e material de apoio o livro “Os Doces Sentidos: Poesias, estudos, imagens, receitas”, organizado pelos docentes Francisca Ferreira Michelin, Noris Mara Pacheco

Martins Leal e João Fernando Igansi Nunes, uma parceria entre o Museu do Doce e o Núcleo de Patrimônio Cultural da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da UFPel.

Os primeiros passos para a organização das atividades foram as pesquisas, leituras e entrevistas sobre os temas propostos, onde houve um intenso processo de interação com a comunidade. A partir disto, reuniões semanais foram realizadas sob a orientação da equipe de curadoria das exposições, para acompanhar o desenvolvimento do projeto.

Em busca de maiores informações, principalmente, sobre o tema da primeira exposição temporária, O Doce e a Oferenda, da qual existia pouco conteúdo em nosso acervo, realizamos uma ampla pesquisa de campo, procurando trazer à tona toda a leveza e misticidade da relação entre os doces finos pelotenses e as oferendas usadas nas religiões de matriz africana,

“Quando se fala em comida põem-se os doces em um patamar de civilidade ainda maior, porque “são um agrado a mais, são um presente”, agregam em seu significado todas as características associadas à harmonia, à sociabilidade, ao prazer de estar junto e de comer junto; transpõem o caráter natural porque respondem a acordos de comunhão e trocas, não só chamam ou evocam os deuses, mas os presenteiam – só oferece doce quem quer ganhar alegria, felicidade, carinho; só agrada quem quer ser agradado”.
(KOSBY, 2007, p. 18)

Durante o processo de concepção e montagem da exposição, optamos por trabalhar com os orixás Iemanjá, Oxum e Ibejis. As divindades femininas, Iemanjá e Oxum, são as mães piedosas e benevolentes que olham por seus filhos, já os Ibejis (muito confundidos, também, com os santos católicos Cosme e Damião, no sincretismo) representam a dualidade da vida, são os gêmeos protetores das crianças. Em uma das salas de exposição, penduramos um móbile no meio da sala, com cada uma das faces pintadas nas cores vermelha e azul, cores correspondentes aos Ibejis, representando a dualidade e movimento da vida. Aos pés do móbile, uma mesa redonda a poucos centímetros do chão, forrada em renda e decorada com balas de coco, cocadas e quindins confeccionados de parafina pela própria equipe do museu e delicados merengues envernizados, cada elemento fazendo referência ao doce preferido de cada orixá. Nas extremidades da mesa, foram colocados quatro pequenos espelhos, de modo que o visitante, ao se colocar de frente para o espelho, possa se enxergar ao mesmo tempo que enxerga as esculturas dos orixás posicionadas cada uma em uma extremidade da sala. A iluminação, efeito sonoro, banners com textos explicativos e a cor tema da exposição, o amarelo, dão o tom. Na segunda sala da exposição, O Doce e a Oferenda, foi colocado um vídeo feito a partir da entrevista realizada com a mãe de santo Sandrali de Campos Bueno e sua mãe, Eli Souza de Campos, ambas filhas de Oxum.

O Doce e a Festa é a exposição responsável por trabalhar a relação entre os doces finos pelotenses e as suntuosas festas no interior dos casarões em toda a sua pompa, ao longo do tempo. Faz referência, também, às relações interpessoais vivenciadas dentro do ambiente familiar, à relação estabelecida entre o doce, às sensações e às pessoas que o confeccionam. Para a montagem desta exposição, recorremos ao acervo do Museu do Doce e também a comunidade, principalmente, com fotos para integrar esta etapa, elementos de memórias pessoais e comunitárias recolhidas no momento do processo de pesquisa, que integraram a exposição na montagem do banner explicativo, que além das fotos, contém textos. Igualmente, integraram esta exposição, um livro de receitas pelotenses e pelotines feitos a mão, expostos em uma vitrine, além da

famosa mesa de doces, repleta de quindins, camafeus e bem-casados confeccionados em parafina e biscoito pela equipe do museu e um bolo de três andares com detalhes em fita e arranjo florido, acrescidos por um tule, tudo na cor tema branca, fazendo referência à leveza e ao requinte das festas nos casarões.

A exposição O Doce e a Cidade faz referência à importância do doce na trajetória da cidade de Pelotas ao longo do tempo, trabalhando por meio de recurso audiovisual, na reprodução da faixa “Doces”, do CD Pé de Ouvido – outras histórias de uma mesma cidade – e de elementos figurativos provenientes do acervo do Museu do Doce e volumes do Almanaque do Bicentenário de Pelotas, a história dos doces finos e populares de Pelotas.

O vídeo, que conta com aproximadamente 12 minutos, será projetado na sala da exposição, onde, juntamente com um banco e luminária de praça que remetem o público aos ares do século XX, procuramos mostrar a história dos doces pelotenses ao mesmo tempo que relacionamos com a história da cidade, com suas conquistas, derrocadas e superações, de forma interativa e construtiva, procuramos propor com as exposições, que a comunidade tivesse a oportunidade de se apropriar daquilo o que é dela por direito, seu próprio patrimônio, onde estão suas memórias e de seus antepassados, sua própria identidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação aos resultados, percebemos uma interação produtiva com a comunidade começando pela etapa de pesquisa, onde a busca por elementos e informações que comporiam as exposições, integraram segmentos da sociedade ao processo de produção das exposições temporárias do Museu do Doce, promovendo um canal direto entre as partes, que serviram de base para o produto final. Os diversos recursos interativos utilizados, como a cenografia, conjunto audiovisual, textos, iluminação e sonorização do ambiente, contribuíram decisivamente para a boa compreensão e assimilação do público em geral, que consegue reconhecer, nos temas correspondentes a cada uma das exposições, elementos de sua própria vivência, como membros da sociedade pelotense como um todo, como membros de seus grupos privados, comunidade religiosa, comunidade do bairro, ou mesmo ao núcleo familiar do qual pertencem, todas as memórias estão ligadas ao doce, delicado elemento disseminado na comunidade através do tempo (não somente os doces finos, mas também os populares) extremamente presentes na memória dos cidadãos pelotenses, que são ativadas por meio dos recursos explorados nas exposições. “[...] toda a ampla gama de experiências visuais, tácteis, aurais e emocionais impregnam o processo, transformando o observador em participante ‘ativo’ e permitindo maior grau de imersão no conjunto a ser comunicado”, (SCHEINER, 2003). O sentimento de pertencimento se faz vívido e presente.

4. CONCLUSÕES

Através das exposições: O Doce e a Oferenda, O Doce e a Festa e O Doce e a Cidade realizadas pelo Museu do Doce da UFPel, procurou-se abordar, por meio das características particulares de cada uma delas, as questões ligadas à memória e identidade locais, assim como a consciência dos doces de Pelotas como patrimônio material e imaterial, problematizando também questões ligadas à crença e gênero. Contribuindo para a desconstrução de preconceitos presentes

na sociedade e, ao mesmo tempo, gerando conhecimentos e percepções sobre os respectivos temas, em cada uma das salas temáticas. Construção feita em conjunto com a comunidade, a qual recorreremos durante todo o processo de pesquisa e elaboração das exposições, visando à importância de uma maior integração e fidelidade a realidade vivenciada por ela. Fato essencial para o cumprimento da real função do museu: a de ferramenta para servir a comunidade e educar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINA, E. D. Museus: espaços de comunicação, interação e mediação cultural. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Universidade do Porto / Faculdade de Letras / Biblioteca Digital, v.2, p. 76-86, 2010.

SCHEINER, T. C. M. Comunicação, educação, exposição: novos saberes, novos sentidos. Semiosfera. Revista de Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, n. 4-5, 2003.

GASTAUD, C. R. et al. Do sal ao açúcar: as ações educativas do Museu do Doce da UFPel (Universidade Federal de Pelotas). Expressa Extensão. Pelotas, v.19, n.2, p. 91-105, 2014.

FERREIRA, M. L. M. et al. O doce pelotense como patrimônio imaterial: diálogos entre o tradicional e a inovação. MÉTIS: história & cultura – v. 7, n. 13, p. 91-113, 2008.

KOSBY, M. F. “Aqui nós cultuamos todas as doçuras”: a contribuição negra para a tradição doceira de Pelotas. Monografia (conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia e política. Universidade Federal de Pelotas.

UFPel. Livro “Os Doces Sentidos” será apresentado no dia 14. Notícias UFPel, Pelotas, 11 jun. 2015. Online. Disponível em: <http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2015/06/11/livro-os-doces-sentidos-sera-apresentado-no-dia-14/>